

# AS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO NO SETOR SUCROALCOOLEIRO NA BAIXADA CAMPISTA/RJ

CHANGES IN THE WORLD OF WORK REGARDING THE SUGAR-ETHANOL SECTOR AT THE  
BAIXADA CAMPISTA, RIO DE JANEIRO STATE, BRAZIL

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com antigos operários de uma usina sucroalcooleira da Baixada Campista/RJ, visando apreender as práticas e o imaginário sobre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, os novos arranjos e a dinâmica das forças produtivas e da classe operária durante o auge e após o declínio da usina. O objetivo foi o de identificar e analisar, a partir da memória dos seus antigos operários, os tipos de trabalho desempenhados, as inovações adotadas no processo produtivo e as diferentes formas de sobrevivência encontradas a partir do declínio do setor sucroalcooleiro, dando oportunidade à afirmação desses sujeitos em espaços ainda marcados pela precarização do trabalho. Os procedimentos metodológicos adotados foram: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e o método dos itinerários. Os resultados obtidos apontam a continuidade e o fortalecimento de diferentes formas da precarização do trabalho na Baixada Campista, destacando as histórias e memórias dos antigos operários sobre o mundo do trabalho vivenciado por eles no espaço da usina.

**Palavras-Chave:** Relações de Trabalho. Precarização do Trabalho. Indústria Sucroalcooleira.

**Abstract:** In this paper, we report on the results of a survey conducted with former workers of a sugar-ethanol plant at the Baixada Campista, Rio de Janeiro State, Brazil, with the aim of understanding the practices and imaginary regarding the changes that have taken place in the world of work, the new arrangements, and the dynamics of the productive forces and the working class throughout the peak and after the decline of the plant. The goal was to identify and analyze, from the memory of its former workers, the types of work executed, the innovations in the productive process, and the different forms of survival faced from the decline of the sugar-ethanol sector, giving opportunity to the strengthening of these individuals in places still characterized by the lack of job security. The methodological procedures followed were as follows: bibliographic review, semi-structured interviews, and route method. Results indicate the maintenance and strengthening of different kinds of precarious work in the Baixada Campista, stressing the stories and recollections of former workers about the world of work they experienced in the plant.

**Keywords:** Work relations. Precarious work. Sugar-Ethanol Industry

## Simone da Silva Viana

Professora Mestre nas redes estadual e particular de ensino; pesquisadora nas áreas de História e Políticas Sociais; mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); especialista em História Moderna e Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG); graduada em História. E-mail sisviana16@gmail.com

## Denise Cunha Tavares Terra

Professora Doutora; professora associada no Laboratório de Gestão e Políticas Públicas do Centro de Ciência do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2007); mestre em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) (2001); graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Candido Mendes-Campos (1981). E-mail deniseterra@gmail.com

## Introdução

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com antigos operários de uma usina sucroalcooleira da Baixada Campista/RJ, a Cia Agrícola Baixa Grande Usina Santo Amaro (1937-1995), visando apreender as práticas e o imaginário sobre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, os novos arranjos e a dinâmica das forças produtivas e da classe operária durante o auge e após o declínio da Usina. O objetivo foi o de identificar e analisar, a partir da memória dos antigos operários da Usina, os tipos de trabalho desempenhados, as inovações adotadas no processo produtivo e as diferentes formas de sobrevivência empreendidas a partir do declínio do setor sucroalcooleiro na região, dando oportunidade a afirmação desses sujeitos sociais em espaços ainda marcados pela precarização do trabalho.

Para a realização da pesquisa, privilegiaram-se os métodos qualitativos, tais como entrevistas semiestruturadas e o método dos itinerários. Os métodos adotados permitiram trabalhar com as histórias e relações sociais construídas no espaço físico da Usina, retratando as percepções sobre as relações sociais e cotidianas que se construíram em seu interior a partir das interpretações diferenciadas da trajetória dos antigos operários, suas experiências profissionais, seu dia a dia, seu trajeto, suas vivências e memórias no “mundo” do trabalho da atividade sucroalcooleira.

Nessa perspectiva, a aplicação do método do itinerário, realizado individualmente com os antigos operários no espaço físico da Usina, em que o entrevistado foi o guia do percurso; permitiu compreender as diferentes maneiras de ver, sentir e agir no universo do trabalho construído nesse espaço, em uma sociedade fortemente marcada pela divisão do trabalho. Correlacionou-se este método com os relatos das entrevistas realizadas, com a pesquisa bibliográfica e com a análise da problemática, levando a um resgate da história do mundo do trabalho vivida pelos antigos operários e a ressignificações do trabalho na Região da Baixada Campista.

O artigo está estruturado em três seções além desta breve introdução e das considerações finais. A primeira seção apresenta reflexões sobre as mudanças no mundo do trabalho e nas relações sociais no sistema capitalista; a segunda trata da dinâmica do setor sucroalcooleiro na Região Norte Fluminense/RJ; e a terceira apresenta os resultados das pesquisas qualitativas realizadas: entrevistas semiestruturadas e o método do itinerário aplicados com os antigos operários da Usina Santo Amaro.

**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ  
JÁ CONHECE.**



**INSCREVA-SE  
AGORA!**

- ▣ PRESENCIAL
- ▣ SEMIPRESENCIAL
- ▣ EAD

[www.ucam-campos.br](http://www.ucam-campos.br)  
**22 2726-2400**

## Breves reflexões sobre o mundo do trabalho e suas relações sociais

Pesquisar sobre o mundo do trabalho exige entender, em tempos históricos e espaços diversos, como o ser humano cria, recria e modifica, conscientemente ou não, sua história. O trabalho existe desde o momento em que os seres humanos começaram a transformar a natureza e o ambiente ao seu redor. Gradativamente, certas formas de trabalho social, diferentes do trabalho material, foram surgindo e se solidificando.

O processo de desenvolvimento do capitalismo, desde o seu período manufatureiro até a atual fase mundializada/globalizada, sofreu profundas transformações, principalmente em nível de divisão técnica do trabalho, da utilização sistemática da ciência e da tecnologia no aparelho de produção, na organização e no controle do trabalho e do trabalhador. A força expansiva do capital tende a homogeneizar a sociedade, tornando-a capitalista, uma relação social que se materializa em dinheiro, meios de produção, trabalho, mercado, lucro, exploração do trabalhador assalariado.

Ao longo da História, desde as mais antigas civilizações, sempre existiu a divisão entre aqueles que mandam (pensam, concebem e inventam) e aqueles que só obedecem e executam. O trabalho se tornava um meio de produzir riqueza em geral, dividindo a sociedade em três grandes classes da sociedade moderna: os operários assalariados, os capitalistas e os latifundiários.

Segundo Marx (1977, p.63), “a força de trabalho é, pois, uma mercadoria, assim como o açúcar; nem mais, nem menos. Mede-se a primeira com o relógio; a segunda com a balança [...] o operário vende a si mesmo, pedaço a pedaço. [...]” Pode-se, de modo geral, dizer que os marxistas enfatizam o mercado de trabalho como um fenômeno histórico recente, e que a criação do mercado de trabalho dependeria do desenvolvimento tecnológico e da acumulação prévia de riqueza e de recursos produtivos, bem como da proletarização de amplos grupos sociais, pois, na sociedade capitalista, o trabalho adquiriu uma concepção negativa, já que o trabalhador é expropriado

do fruto de seu trabalho. O trabalho tornava-se, para um número crescente de indivíduos, um meio de consumir, de satisfazer suas necessidades mais amplas, impedindo o trabalhador de ver com clareza a própria exploração, havendo uma perda de sua liberdade, e consolidando a alienação.

Sem dúvida, ao longo da história, o trabalho e as relações de trabalho consolidaram mudanças significativas decorrentes de transformações ocorridas na economia e no modo da produção, estabelecendo uma nova cultura de trabalho. Ou seja, a força do trabalho, enquanto se vende e se compra, é uma mercadoria como qualquer outra e tem por consequência um valor de troca. De acordo com a visão marxista, a respeito do trabalho exercido pelo trabalhador, a mais-valia é o valor que o operário cria além do valor de sua força de trabalho, e que é apropriado pelo capitalista.

Para uma melhor compreensão do conceito amplo de relações de trabalho, torna-se necessário abordar os principais modelos de produção fabril que se destacaram do final do século XIX e durante o século XX, e que ainda hoje têm suas bases enraizadas em vários setores da produção capitalista: como o Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. O Taylorismo, elaborado pelo norte-americano Frederick Taylor, no final do século XIX, estabeleceu um controle da produção e dos trabalhadores por meio de um cronômetro, para tornar o processo de produção mais simples e rápido, a partir de um grande volume de produção. O Fordismo é um termo que se refere ao modelo de produção em massa de um produto, ou seja, ao sistema das linhas de produção. O Fordismo foi criado pelo norte-americano Henry Ford, em 1914, revolucionando o mercado automobilístico e industrial da época.

Em ambos os modelos Taylorista e Fordista, o trabalhador era explorado produzindo os mesmos serviços, fazendo aumentar a riqueza dos donos das fábricas. A linha de montagem especializou os operários na realização de tarefas simples e repetitivas, não havendo necessidade de habilidades especiais na execução de seu trabalho; o trabalho continuava a ser tratado como uma mercadoria, com os atributos de alienação, monotonia e embrutecimento.



**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ JÁ CONHECE.**

**INSCREVA-SE  
AGORA!**

Ao longo dos anos 70, no século XX, ocorreu uma crise estrutural no sistema capitalista, que levou a uma crise do modelo de produção Fordista, ocasionando a queda na taxa de lucro causada pelo aumento do preço da força de trabalho. As empresas investiram em inovação tecnológica e em novas técnicas gerenciais para diminuir os custos, provocando, conseqüentemente, o fechamento de postos de trabalho e a retração do consumo e, juntamente a esse cenário, a crise do Estado de Bem-Estar Social, o desmonte do Estado, dos direitos do cidadão, do trabalhador.

O esgotamento desses modelos de produção, Taylorismo e Fordismo, levou a uma valorização da força de trabalho como saída para evitar a crise no setor de produção. Mas, ao mesmo tempo, não significou banir totalmente esses modelos de produção. Torna-se importante ressaltar que ainda há resquícios desses modelos no mundo do trabalho atual.

Estudos demonstram que ocorreu, no mundo do trabalho, um processo de reorganização, devido às implementações das políticas neoliberais no cenário econômico mundial, como: privatizações de empresas estatais; desregulamentação dos direitos do trabalhador; e reorganização do processo produtivo e do trabalho, já que os diversos componentes de um produto podem ser fabricados em diversos lugares, de acordo com as vantagens financeiras, legislativas e a estrutura do mercado de trabalho oferecida pelos países.

Vale destacar, nesse contexto neoliberal, a implementação do modelo de produção oriental, o Toyotismo, cujas principais características eram: a valorização do trabalho em equipe; a qualidade no e do trabalho; a multifuncionalidade; a flexibilização; e a qualificação do trabalhador. À vista disso, a exploração e a precarização do trabalho eram consolidadas, devido à busca pelos superlucros dos neoliberais e por um modelo que se caracterizava pela produção diversificada para atender ao mercado consumidor, estabelecendo daí subcontratações ou terceirização. Dessa maneira, pode-se caracterizar o modelo de produção toyotista como: busca por maior produtividade; aumento da demanda na produção e maior intensificação do trabalho; maior flexibilidade e autonomia dos trabalhadores; modelos de organização da produção baseados no CCQ<sup>1</sup>, Just in Time<sup>2</sup> e Kanban<sup>3</sup>.

Sendo assim, a nova ordem mundial redefinia-se criando modalidades de organização do trabalho e da produção, uma nova divisão transnacional do trabalho, com as combinações do Fordismo, do Toyotismo e da terceirização. O trabalho tornou-se global e passou a ser influenciado por padrões e valores socioculturais e políticos

e pela flexibilização dos direitos dos trabalhadores, que ampliou a precarização do trabalho, o qual se dava em um cenário bastante heterogêneo de ocupações e de remunerações no seio da classe trabalhadora, implicando uma acelerada redução do número de empregos no núcleo moderno e formal da economia. Em face dos altos índices de desemprego, a economia informal ou o subemprego estão cada vez mais frequentes no cenário do mundo do trabalho em nosso País, acarretando graves problemas de ordem social, intensificando ainda mais questões como marginalização, violência, exclusão, miserabilidade.

No ano de 2017, no Brasil, ampliou-se a terceirização com a aprovação da Lei 13.429/17, a qual alterou a Lei 6.019/74; ambas referem-se à legalização do trabalho terceirizado. A Lei 13.429/17, aprovada durante o mandato do presidente Michel Temer, favoreceu: a contratação e subcontratação de trabalhadores em todos os setores da economia; o barateamento da mão de obra; a precarização do trabalho; e a ampliação dos lucros das empresas. Implementações que geraram retrocesso nas conquistas dos trabalhadores, fortalecendo a desregulamentação dos seus direitos no País.

Sem dúvida, o ano de 2019 revelou, para o Brasil, que o crescimento econômico é uma das condições necessárias, com possibilidades de resolução de problemas que se arrastam na história do País, como o do mundo do trabalho, tanto no espaço urbano quanto no rural. Para tal enfrentamento, faz-se necessário o conhecimento da nossa realidade, além de inúmeras implementações em todas as estruturas da sociedade, como: saúde; educação; habitação; políticas sociais e públicas; etc., assim como o investimento em novas perspectivas de retomada dos direitos sociais e trabalhistas.

## O Mundo do trabalho no setor sucroalcooleiro na Região Norte Fluminense

Analisar historicamente as transformações econômicas ocorridas na Região Norte Fluminense, no setor econômico sucroalcooleiro, ressaltando os períodos da ascensão e declínio do mesmo, no contexto dos séculos XX e XXI, é um passo importante na compreensão das novas atividades econômicas, as quais influenciaram novos arranjos e uma nova dinâmica das forças produtivas e da classe operária emergidas nesse espaço.

A partir das primeiras décadas do século XX, o crescimento do setor açucareiro era visível, quando a maioria dos engenhos foi transformada em grandes usinas, que restabeleceram e consolidaram a estrutura latifundiária e instalaram, com a concentração da propriedade rural, o regime de grande exploração agrícola e industrial. Até hoje, é possível visualizar as marcas e os vestígios de um passado vinculado à atividade sucroalcooleira na Baixada Campista, mesmo que seja pela paisagem das ruínas das grandes usinas do passado. É importante ressaltar que a cidade de Campos dos Goytacazes, foi pioneira em possuir usinas de açúcar de forma particular, sem a concessão de benefícios oferecida pelo governo na política de engenhos centrais.

A economia açucareira, no início do século XX, era direcionada ao mercado interno. A maior procura pelo produto se deu não apenas pelo aumento populacional nessa época, como também pelo aumento do poder aquisitivo da população urbana. Dessa acumulação e centralização da produção e do capital, resultou o aumento do número de trabalhadores dependentes da produção sucroalcooleira, sejam eles operários, sejam lavradores, sejam fornecedores de cana. Essas mudanças exigiram o trabalho mecanizado, a cultura intensiva, a irrigação em alta escala, a estrada de ferro, o caminhão e o trator; recursos tecnológicos importantes para o desenvolvimento da produção sucroalcooleira, porém inacessíveis ao lavrador, pois eram bens pertencentes aos donos do capital.

O governo de Vargas, em 1930, protegeu a exportação agrícola e a grande propriedade rural. Em contrapartida, os trabalhadores rurais continuaram sem meios para se tornarem proprietários de terras; a maioria vivia em péssimas condições de vida, baixa remuneração, falta de assistência médica e proteção trabalhista. Dessa maneira, em dezembro de 1931, o governo brasileiro criou a Comissão de Defesa da Produção do Açúcar, integrada por representantes do Governo Federal e dos estados produtores, com a intenção de acompanhar a sua evolução e preservar o equilíbrio interno entre produção e consumo através da exportação.

Em 1932, o governo decretava o limite da produção açucareira oficialmente e incrementava o fabrico do álcool motor, objetivando reduzir a oferta de açúcar e favorecer o aproveitamento da matéria-prima disponível no setor para a fabricação do álcool. Nesse contexto, foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), em junho de 1933, com o objetivo de controlar a produção para evitar maiores prejuízos e incentivar a produção do álcool, iniciando uma intensa intervenção do Estado na economia açucareira. A respeito da função do IAA, cabe salientar que ele autorizava a moagem nas usinas fluminenses, e todos os excessos da cana deveriam ser entregues a esse órgão para que fosse transformada em álcool anidro. Com a inspeção do IAA, era oportunizado, às usinas do estado do Rio de Janeiro, transformar os excessos de cana recebidos pelos seus fornecedores em açúcar demerara, porém o mesmo deveria ser entregue ao órgão.

Tendo em vista todo esse processo intervencionista, conhecido como defesa da economia açucareira ou canavieira, era perceptível a limitação do volume produzido em cada safra para manter o equilíbrio entre a produção e o consumo do açúcar, de modo a manter o saneamento e a estabilidade do mercado.

Em novembro de 1941, neste contexto de implementação de políticas econômicas para o setor industrial sucroalcooleiro, era notável a precarização do trabalhador deste setor, emergindo daí a necessidade de um sindicato que defendesse os interesses e garantisse os direitos dos trabalhadores rurais no País. No entanto, é importante ressaltar, que, nessa época,



**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ JÁ CONHECE.**

**INSCREVA-SE  
AGORA!**

muitos sindicatos eram cooptados e controlados pela política intervencionista varguista, muitas vezes colocando-se ao lado do patronato.

Como era evidente na Região Norte Fluminense, no momento de inúmeras greves por aumento de salário por parte dos trabalhadores nas usinas da Baixada Campista, a política governamental defendia os usineiros alegando que não tinham condições financeiras para atender à reivindicação de reajuste salarial, devido à crise econômica da agroindústria do açúcar. Dessa maneira, para amenizar os confrontos entre os trabalhadores das usinas e os usineiros por melhorias na política trabalhista, o IAA, entre tantas medidas de assistência social, estabelecia o direito à moradia, assistência médica, dentária e hospitalar gratuita, ensino primário gratuito aos filhos dos trabalhadores em idade escolar.

Era preciso acelerar o processo de desenvolvimento nacional frente aos competidores no mercado internacional, facilitando a política de exportação através da implementação de inovações tecnológicas na produção sucroalcooleira do País. Dessa forma, Cruz ressaltou que:

Os investimentos ocorridos no período, principalmente na expansão da capacidade industrial das usinas, foram comandados pelas elites agropecuárias e agroindustriais, lideradas por uma parcela da elite açucareira. Essas lideranças implementaram uma estratégia de ação regionalista, pela qual lograram monopolizar a definição e a representação dos seus interesses. Tal estratégia envolvia alianças com setores da imprensa, técnicos e políticos locais, por um lado, e aliança com a burocracia, os técnicos e os políticos das instâncias supra escalares de poder. (CRUZ, 2003, p.74).

No período de ditadura militar (1964-1985), o Ministério do Trabalho foi preponderante na defesa dos interesses capitalistas, reprimindo a classe trabalhadora e aumentando o controle sobre os sindicatos, legalizando decretos de proibição às greves, controlando políticas e órgãos trabalhistas, como o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). De acordo com Singer (1976, p. 57-58), em síntese, "o arrocho" na economia brasileira, no ano de 1965, não se fez sentir, igualitária e simultaneamente, sobre todos os níveis salariais, mas seletivamente, atingindo de modo muito mais grave os assalariados menos qualificados, cujo nível de ganhos dependia, em maior grau, do poder de barganha da classe em conjunto". É importante considerar ainda,

que o Brasil obtinha muitas vantagens na produção sucroalcooleira, como: grandes áreas inexploradas; solos férteis; clima favorável à lavoura canavieira; longas vias fluviais; política organizada pelo IAA; rede de comunicação e de transporte em desenvolvimento; mão de obra abundante, tanto para o trabalho na lavoura como para as usinas sucroalcooleiras, fábricas de tratores e implementos agrícolas em expansão.

Na Baixada Campista, área rural pertencente ao município de Campos dos Goytacazes, as usinas sucroalcooleiras, além de produzirem o açúcar e o álcool, ainda produziam para o mercado produtos, como: o bagaço; a pasta de filtragem (a borra); o melaço; plásticos; cama para animais; chapas de fibras; aguardente; papel, etc. Cabe, no entanto, salientar que, nos anos de 1970, os recursos do governo federal eram muito significativos nas regiões sucroalcooleiras. Em 1972, a Cooperativa de Crédito dos Lavradores de Cana-de-Açúcar (COOPERCREDI) foi formada, objetivando a expansão da lavoura, a modernização das plantas industriais e a pesquisa.

Em 1973, o governo, juntamente com o IAA, elaborou o Fundo para o Programa de Apoio à Agroindústria Açucareira (FUNPROÇUCAR), que financiou a modernização das indústrias, e a maioria das usinas foi totalmente remodelada em todo o País. Outra ação implementada pelo governo federal e que ajudou ao País a enfrentar a crises do Petróleo, em 1973, foi o Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL), criado no final dos anos de 1970 e considerado o maior programa de energia renovável já estabelecido em termos mundiais. Além disso, foram elaborados programas e incentivos governamentais, que oportunizaram avanços tecnológicos no setor sucroalcooleiro e transformações no mundo do trabalho das usinas. O trabalho tornava-se mais dinâmico e técnico, provocando outras preocupações para a sociedade, como o aumento da reserva de mão de obra desqualificada.

É importante ressaltar o avanço do País na fabricação do álcool em um contexto de crise do petróleo, permitindo ao mercado interno e até mesmo ao internacional outra fonte de combustível automobilístico. É inegável que as usinas sucroalcooleiras do País se beneficiaram, por terem o álcool produzido diretamente a partir da fermentação do caldo de cana ou pela diluição de mel resultantes da produção de açúcar, proporcionando, assim, uma maior eficiência da atividade e a simplificação da produção de um açúcar de melhor qualidade e com possibilidade de garantir uma melhor rentabilidade.

Já no final dos anos de 1970, a indústria açucareira demonstrava sinais de instabilidade econômica, devido a vários acontecimentos, como; a venda de cotas e fusão de usinas sucroalcooleiras em todo o País; à baixa dos preços no mercado internacional e também, nesse período, o preço do barril do petróleo muito caro. Relacionada a essa situação, o governo estabelecia uma política de contenção salarial, aceleração inflacionária que provocou queda na capacidade de consumo da sociedade, e atingiu a classe média, principalmente. Tal situação afetou a atividade sucroalcooleira da Região Norte Fluminense, pois, sem créditos e sem programas de viabilização de incentivos financeiros, os usineiros não conseguiram manter a capacidade de produção do açúcar e do álcool e a rentabilidade no setor, o que acabou gerando uma instabilidade econômica na região.

Na década de 1980, a crise na economia açucareira foi significativa. Apesar de na segunda metade da década de 1970 ter ocorrido o auge da produção açucareira, as dívidas contraídas para financiar essa grande produtividade, as baixas taxas de crescimento do produto interno bruto (PIB) brasileiro e a dependência em relação ao governo federal, o qual não liberava recursos como antes, determinaram a falência de muitas usinas, como aconteceu com a Cia. Agrícola Baixada Grande Usina Santo Amaro, em 1996.

Uma grave crise econômica de caráter estrutural, que resultou em estagnação com inflação alta, além da evolução da pobreza em todo o País, impactou

fortemente a dinâmica do mercado de trabalho a partir dos anos 1980. Com o esgotamento de um modelo de Estado interventor, reduzindo sua proteção ao capital industrial, tem-se, no País, a abertura para a economia mundial, a partir das práticas neoliberais do governo. O desemprego transformou-se em uma nova realidade, um período de estagnação, desemprego e aumento da desigualdade social. A monitoração do Fundo Monetário Internacional (FMI) iniciou-se no ano de 1983, no sistema econômico do País, que acabou por acentuar a tendência recessiva da economia brasileira em virtude, principalmente, da contenção salarial e da redução de investimentos à atividade industrial.

Observa-se, que, nesse período, houve um decréscimo na produtividade e rentabilidade industrial no setor sucroalcooleiro e em especial na Região Norte Fluminense. Como consequência, ocorreu a estagnação econômica das usinas de açúcar e o avanço de outras atividades econômicas como a fruticultura, a indústria da cerâmica vermelha e a indústria petrolífera, com o início da exploração e produção de petróleo na Bacia de Campos. Surge, nesse cenário, um aumento da economia informal, um redesenho das políticas públicas e transformações na economia tradicional agrária e, conseqüentemente, uma nova dinâmica econômica e impactos no emprego.

A indústria ceramista surge na região como alternativa para absorver os antigos operários da indústria sucroalcooleira. Trata-se de uma indústria que se caracteriza pela utilização de processos produtivos

**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ  
JÁ CONHECE.**



**INSCREVA-SE  
AGORA!**

- ▣ PRESENCIAL
- ▣ SEMIPRESENCIAL
- ▣ EAD

[www.ucam-campos.br](http://www.ucam-campos.br)  
**22 2726-2400**

artesanais que reproduzem práticas utilizadas desde o século XIX, como a utilização do forno a lenha, sendo que, atualmente, uma pequena parcela de cerâmicas de tijolos desenvolveu técnicas mais inovadoras com a implementação do gás natural no seu processo produtivo. Nesse período, o País vivenciou inúmeras greves, de diversos setores da sociedade. No mundo rural, houve o aumento da organização e a resistência dos trabalhadores agrícolas, como os boias-frias.

Em 1990, foi extinto o IAA no governo Collor, dessa forma os empresários tinham livre acesso de comercialização, pois já não havia um órgão para regular o setor. Como a agroindústria açucareira era a base da economia da região, o seu colapso econômico atingiu muitos setores da sociedade, ou seja, o Norte Fluminense não tinha uma economia diversificada e o impacto da crise que o setor sucroalcooleiro sofreu fez com que toda a região ficasse estagnada economicamente, uma profunda crise das relações de produção. Como consequência, houve trabalhadores sem profissões definidas, sem qualificação, cumprindo qualquer tipo de atividades como alternativas de obter renda, tendo um mínimo de garantia para a sua sobrevivência. Intensificavam-se as privatizações e surgia uma nova divisão do trabalho que se consolidava com a desregulação das relações de trabalho no Brasil, as quais permitiram ampliar a jornada de trabalho pela terceirização, subcontratação e pelo trabalho informal. A fragmentação do trabalho, a contratação eventual, a precarização e deterioração do mercado de trabalho geraram uma maior insegurança na renda dos trabalhadores, ampliando a desigualdade e a pobreza.

Assim, entendemos que, no século XX, a Região Norte Fluminense destacava-se pela economia e pelo poder em torno da cana-de-açúcar; já, no século XXI, enfatizam-se os recursos petrolíferos e a sua rentabilidade para o desenvolvimento da região. É importante considerar que a maioria das usinas da Baixada Campista decretaram falência, e em decorrência dessa situação, a maioria de seus antigos trabalhadores não conseguiram ser reaproveitados enquanto força de trabalho, já que as funções exercidas nas usinas sucroalcooleiras foram extintas, não havendo possibilidades de trabalharem em funções similares novamente, pois o número de usinas em funcionamento havia reduzido, não absorvendo essa grande massa de desempregados, que acabaram tornando-se um exército de reserva de mão de obra pouco qualificada.

Como considerou Cruz:

O problema do desenvolvimento do NF expressa-se num aparente paradoxo. Por um lado, trata-se de uma região que foi beneficiada pelos recursos voltados para a modernização da agroindústria açucareira, principalmente a partir da década de 50, bem como pelos recursos oriundos da extração do petróleo, a partir da década de 80. E, por outro, de uma região que adentra o século XXI reproduzindo e agravando sua herança histórica mas negativa, de pobreza, de exclusão, de desigualdades sócio econômicas, o que a mantém entre as regiões mais problemáticas em termos de desenvolvimento, no Brasil, enquanto aparece como uma das que detém maior volume de recursos públicos locais para superar essa herança. (CRUZ, 2003, p. 78-79).

**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ  
JÁ CONHECE.**



**INSCREVA-SE  
AGORA!**

- ▣ PRESENCIAL
- ▣ SEMIPRESENCIAL
- ▣ EAD

[www.ucam-campos.br](http://www.ucam-campos.br)  
**22 2726-2400**

Assim, faz-se necessário ressaltar que a produção de petróleo na bacia de Campos e o recebimento de recursos petrolíferos pelas prefeituras e o aumento da produção de tijolos nas cerâmicas da Baixada Campista permitiam novos rumos para a política econômica da região, no final do século XX. Apesar de ter ocorrido uma reestruturação de setores tradicionais da economia da região, não significou seu desenvolvimento econômico. Segundo Cruz:

A permanência da atividade sucroalcooleira, em bases modernas, ao lado dos recursos herdados em função do exercício dessa atividade; o volume de capital fixo e de ambiente construído pela instalação do complexo extrativista do petróleo, pela sua produção e pelos negócios por ela desencadeados; e, a partir do final da década de 80, os royalties e as participações especiais pagos pela Petrobras aos governos municipais – não têm sido suficientes, por si só, para alterar o quadro geral e essencial do desenvolvimento daquela região, caracterizado pelo baixo dinamismo do mercado de trabalho e da economia em geral, em termos de atividades econômicas, geração de trabalho e distribuição de renda. (CRUZ, 2003, p. 75-76).

A Cia. Agrícola Baixa Grande Usina – Santo Amaro conseguiu manter sua produção e safra até 1992, sem grandes prejuízos apesar do cenário de crise econômica vivenciado no País. Porém, em 1993, iniciou seu processo de crise alarmante, pois não conseguia pagar as dívidas geradas com os programas de financiamentos oferecidos pelo governo; os juros eram muito altos e a dívida da usina aumentava muito ao mesmo tempo em que a produção sofria uma queda, devido à alta inflação e também pela seca e falta de chuvas na região nesse período. Em 1995, as demissões afetaram 80% do quadro total de funcionários. Neste mesmo período, o País implementava políticas neoliberais, que favoreceram a entrada de mercadorias estrangeiras em grande proporção, e avançava com o programa de privatização das estatais e as reformas destinadas a diminuir os gastos do Estado, como a reforma da previdência, ocorrendo ampliação da exclusão social e flexibilização no mundo do trabalho, precariedade e desregulamentação do trabalho.

Ainda hoje constata-se a necessidade de repensar um novo modelo de produção e atividade econômica nessa região historicamente pautada na monocultura da cana-de-açúcar. Torna-se ainda necessário buscar e possibilitar alternativas para o mercado de trabalho na Baixada Campista, para superar a decadência do setor canavieiro e do setor de cerâmicas de tijolos, aproveitando suas potencialidades agrícolas e humanas.

## **A percepção dos antigos operários: memórias e vivências**

Para a compreensão da história de ascensão e crise do setor sucroalcooleiro da região, que influenciaram novos arranjos e uma nova dinâmica das forças produtivas e da classe operária, foram realizadas pesquisas bibliográficas e uma pesquisa com abordagem qualitativa, compreendendo entrevistas semiestruturadas e itinerários com os antigos operários da usina em estudo. Verificou-se, com as metodologias trabalhadas, como se deu a consolidação de implementações tecnológicas, políticas e econômicas que beneficiaram o setor sucroalcooleiro no País e na região até a década de 1990, bem como uma análise conjuntural da realidade vivenciada pelos antigos operários da usina na rotina de seu trabalho durante todo o tempo de funcionamento e crise desse setor.

A finalidade foi conhecer e descrever as características de um fenômeno em estudo, tendo aqui como objetivo levantar e apresentar informações a respeito do mundo do trabalho na Cia Agrícola Baixa Grande – Usina Santo Amaro, evidenciando não só a rotina de trabalho, como também as histórias e vivências emergidas neste espaço e tempo. O principal critério de seleção dos entrevistados foi seu tempo de serviço na Cia Agrícola Baixa Grande – Usina Santo Amaro, e um segundo critério, também importante, era os mesmos terem trabalhado em funções diferentes na usina.

A respeito da metodologia do itinerário, esta foi aplicada logo após a entrevista realizada, com o apoio de um fotógrafo e de um filmador, pois, dessa forma, o percurso com o entrevistado possibilitaria um momento de reflexões e vivências compartilhadas com a merecida atenção. O entrevistado teve a função de guia no espaço físico da localidade e da usina, apontando seus espaços relevantes, assim como onde parava ou não com frequência no percurso que fazia para ir ao trabalho – onde se encontrava com amigos e/ou familiares –, e a chegada à Usina, compreendendo sua visão e interpretação, maneiras de ver, sentir e agir no universo de trabalho construído nesse espaço.

A partir do itinerário realizado, foi preciso elaborar um mapa mental, mostrando as concepções do entrevistado, suas percepções do lugar percorrido, identificando comércio, praças, lugares, que considerou relevantes ou simbólicos para ele. É um referencial teórico-metodológico, que possibilitou interpretar as antigas e novas histórias, memórias e vivências das relações sociais construídas por esses trabalhadores. De acordo com Petiteau e Pasquier:

O itinerário é uma experiência partilhada entre o pesquisador e o outro. Esse método se assemelha aos métodos biográficos pois, além do tema de investigação, a história de vida continua a ser o fio condutor durante todo o ciclo da relação entre o pesquisador e o outro, sem que a história se confunda com um testemunho. (PETITEAU; PASQUIER, 1987, p. 1).

As entrevistas e os itinerários foram realizados entre os meses de agosto de 2018 e janeiro de 2019. Fizeram-se 10 entrevistas e 2 itinerários com os antigos operários da Cia. Agrícola Baixa Grande – Usina Santo Amaro. As entrevistas ocorreram, na sua maioria, na localidade de Baixa Grande, na Baixada Campista, pertencente ao município de Campos dos Goytacazes, região onde se concentrava a maior parte da produção sucroalcooleira. A localidade de Baixa Grande fica à margem da Rodovia 216, a 33 Km da cidade de Campos dos Goytacazes e próxima à praia Farol de São Thomé.

Os dez entrevistados atuaram em diferentes ocupações durante o período em que trabalharam na Usina. Foi realizada ainda uma entrevista com o usineiro, Dr. Fernando De La Riva Averhoff. O método do itinerário foi aplicado a dois antigos operários, sendo um da produção e o outro da parte administrativa.

Olhar, sentir e pensar são ações inseparáveis; a memória é a relação do indivíduo com a sua história, plural na forma de expressar e compreender o mundo em que vive. Assim, do ponto de vista metodológico, tratou-se de buscar a verdade dos fatos relatados pelos antigos operários, com sensibilidade, investigação, reflexão e análises, que pudessem desvendar a subjetividade do mundo do trabalho vivido por essas pessoas, protagonistas da história da Usina. Pesquisar o mundo do trabalho na Usina Santo Amaro é entender que, em tempos históricos, num espaço diverso, produziram-se histórias de vida, onde os trabalhadores criaram e recriaram sua existência não só materialmente como afetiva e simbolicamente. Trata-se de uma pesquisa que tenta resgatar o passado para intervir mais adequadamente no presente da Baixada Campista. Histórias vivas e particulares neste mundo tão exposto à exploração e precarização do indivíduo, como é o do trabalho.

O roteiro de entrevistas abordou questões como assistência social; habitação; direitos trabalhistas; participação no sindicato da categoria; inovações tecnológicas; aprimoramentos e capacitações profissionais; acidente de trabalho; rotina de trabalho; indenizações; auge e declínio da Usina; e novas atividades de trabalho exercidas com o fechamento da Usina.

No trajeto realizado utilizando-se a metodologia de itinerários, o entrevistado apontou os espaços relevantes para ele, assim como os locais onde ele parava com frequência ou não, no percurso que fazia para ir para ao trabalho, oferecendo a sua visão e interpretação sobre os acontecimentos vivenciados à época da existência da Usina, revelando as maneiras de ver, sentir e agir no universo de trabalho construído nesse espaço. Esta metodologia mostrou um dia de vida de um operário, desde o levantar até seu regresso para casa, possibilitando as anotações dos acontecimentos marcantes, percursos de seu dia de trabalho. São as marcas e vestígios de um passado vinculado à produção sucroalcooleira, que estão presentes na memória e na paisagem da Baixada Campista, mesmo que atualmente, tenham como representatividade, uma paisagem de ruínas e modificações nas antigas construções ligadas ao período de funcionamento da Usina. Cabe ressaltar, a esse respeito, a análise de Halbwachs:

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. (HALBWACHS, 2006, p. 160).

O método do itinerário foi elaborado para atender a pesquisas no espaço urbano, porém, com a contribuição da professora Catherine Reginensi (UENF), foi adaptado ao trabalho em estudo no espaço rural do município de Campos dos Goytacazes. Como se constata a seguir, foi uma experiência enriquecedora, em que provou-se ser possível a aplicação deste método a outros territórios, pois tornou-se um diálogo entre pesquisador e entrevistado, com diferentes nuances e provocações, que resultou em um trabalho de pesquisa qualitativa complexo e de grande percepção do objeto de estudo proposto.



**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ JÁ CONHECE.**

**INSCREVA-SE  
AGORA!**

**Figura 1: Vista do itinerário realizado com o entrevistado 1, antigo operário, de sua residência (Rua Maria Emília, em frente ao Posto de Gasolina) até à Cia. Agrícola Baixa Grande – Usina Santo Amaro, na localidade de Baixa Grande, no dia 24 de agosto de 2018.**



Fonte: Google Maps/ Link do Google: <https://www.google.com.br/maps> > acessado em 28/03/2019.

Cheguei à casa do entrevistado 1 e fui surpreendida com ele já me esperando com sua bicicleta; disse que a consertou naquela semana para que pudesse fazer todo o percurso com ela, como fazia na época que era trabalhador da Usina. Da sua residência, fomos em direção à Usina. No percurso, paramos em alguns lugares, como em frente aos Correios, quando disse que o estabelecimento não era ali e sim em frente à Usina; que naquele lugar era a residência de um amigo e que, quando passava, sempre o cumprimentava. Em seguida, paramos em frente ao primeiro portão da Usina, agora desativada. Ali, era a entrada e a saída dos trabalhadores; de lá mesmo mostrou por onde passava primeiro ao chegar para iniciar o dia de trabalho. Apontou para um lugar que seria a sala de ponto, onde havia um relógio para bater o ponto.

Ao entrar nas ruínas da Usina, no local onde havia sido o setor de produção do açúcar e álcool, o operário se surpreendeu com sua memória, que logo veio à tona: o cumprimento de bom dia aos colegas e o começo do trabalho. O trabalho na oficina, o entrar e sair de caminhões, o conserto e a manutenção de peças das máquinas e esteiras. O entrevistado finalizou o itinerário confidenciando que ainda hoje ouve o som da sirene tocar, apesar de saber que não existe mais. Na sua memória, são tão fortes os momentos vividos por lá que não se apagaram com o decreto de sua falência e nem com o vazio do seu pátio.

**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ  
JÁ CONHECE.**

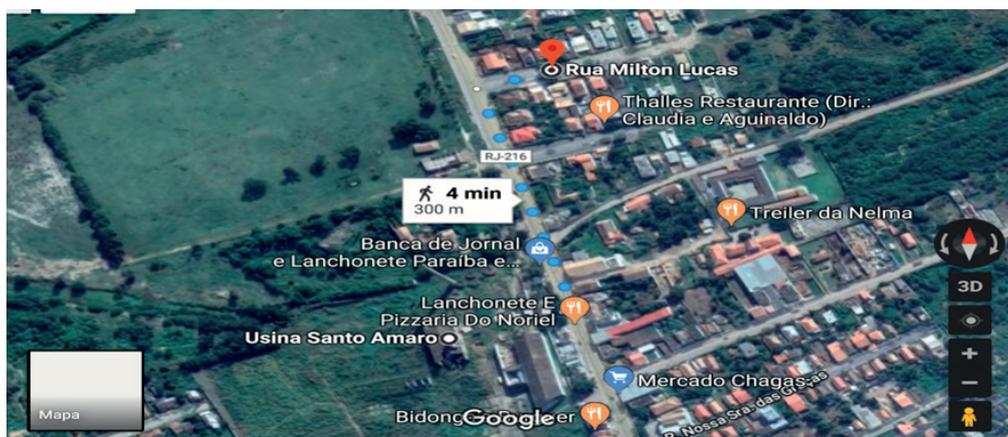


**INSCREVA-SE  
AGORA!**

- ▣ PRESENCIAL
- ▣ SEMIPRESENCIAL
- ▣ EAD

[www.ucam-campos.br](http://www.ucam-campos.br)  
**22 2726-2400**

**Figura 2: Vista do itinerário realizado com o entrevistado 2 trabalhador da Cia. Agrícola Baixa Grande, de sua residência (Rua Milton Lucas) até o escritório da Cia. Agrícola Baixa Grande Usina Santo Amaro, na localidade de Baixa Grande. Realizado no dia 22 de novembro de 2018.**



Fonte: Google Maps/Link do Google: <https://www.google.com.br/maps> > acessado em 28/03/2019.

O entrevistado 2 ressaltou, durante o percurso, que sua rotina de trabalho era intensa, pois, tanto na época da moagem como no período entre safras, trabalhava muito no setor administrativo e contábil da Cia. A maior felicidade foi quando recebeu o convite para fazer parte da diretoria. “Isso para mim foi sinônimo de reconhecimento e confiança ao meu trabalho.” Disse que lembra muito bem da chegada dos computadores; foi uma revolução no seu setor, tendo que fazer muitas horas extras para processar todos os dados da empresa. Durante o percurso, relatou que não tinha o hábito de parar em nenhum lugar no trajeto para o trabalho. Se entristeceu, quando revelou a falta de oportunidade de mostrar para seus filhos o funcionamento da Usina, a pleno vapor. Ao retornarmos para sua residência, lembrou do percurso da Maria Fumaça, o trem, carregado de açúcar, e que muitas vezes transportava pessoas. Disse que a comunidade tinha uma vida muito movimentada, por ter um polo industrial sucroalcooleiro de grande relevância economicamente para o estado do Rio de Janeiro. Lembrou, também, que a comunidade era visitada diariamente por várias pessoas de outras regiões, como caminhoneiros e compradores de açúcar e álcool. Terminamos o itinerário, com o retorno para sua residência.

Durante todos os itinerários realizados, foi possível perceber que as vivências e memórias dos entrevistados foram constituídas por tudo o que viveram e sentiram enquanto trabalhadores da Usina, no seu auge e no seu declínio. Deixaram marcas que trazem a fragilidade do mundo do trabalho na atividade sucroalcooleira da Região da Baixada Campista.

Eles foram vozes da maioria, todos tiveram sua história vinculada ao funcionamento da Cia. Agrícola, aqueles que trabalharam para ela e outros que trabalhavam no seu entorno.

Metodologicamente, cabe destacar a importância da análise do contexto sociocultural e econômico da região, implicando analisar a lógica capitalista, a exploração e precarização do trabalho, a construção de uma memória coletiva no espaço da Usina, o ser e o agir dos operários no auge e declínio da atividade sucroalcooleira exercida por eles. É importante explicar que a memória coletiva seria o passado concebido e vivo na consciência presente dos indivíduos, já que é sabido que a história e a memória estão intrinsecamente ligadas. Como afirma Le Goff (1992, p. 473), a história seria a forma científica da memória coletiva.

Os resultados das entrevistas e do método dos itinerários apontaram que, entre os entrevistados, não havia uma consciência operária no sentido de lutar e reivindicar melhores condições de trabalho. Para os entrevistados, os direitos concedidos eram suficientes e satisfatórios.

Notável também, em todos os depoimentos realizados, é que, para esses trabalhadores, a precarização em que viviam não era tão sentida, devido à assistência social que recebiam da Usina, pois, para eles, a garantia de consultas médicas, odontológicas, enfermagem, remédios, escolas, atendimento especial caso precisassem de hospitais, tanto para eles como para os seus dependentes, eram mais importantes do que lutar ou reivindicar melhores salários.

A exploração do trabalho assalariado pelo capital não era percebida pelos antigos operários da Usina, devido ao trabalho exercido pela assistência social na vida deles e de seus familiares, intensificando a alienação e silenciando a voz operária do setor sucroalcooleiro. O assistencialismo na Usina articulava uma visão de mundo do trabalho sem lutas operárias ou até mesmo sem consciência operária, em que

a precarização do trabalho deixava de ser perceptível pela maioria dos trabalhadores.

Os antigos operários apontaram, que trabalhavam com entusiasmo em troca dos direitos concedidos pelo usineiro. Seguem abaixo, alguns relatos sobre o tema abordado nas entrevistas:

Meus filhos estudaram na escola da localidade, a Usina pagou tudo: do uniforme ao material escolar. Tinha tudo meus filhos. (Entrevistado 1).

[...] me lembro que a Usina, lá dentro dela, tinha médico, enfermeiro, dentista, era só ir lá e marcar nosso horário. Atendiam a gente bem, minha família tinha direito também. Quando era caso muito grave a gente era levado no Hospital dos Plantadores de Cana. (Entrevistado 2).

Os entrevistados acreditavam que teriam a oportunidade de um futuro promissor devido aos incentivos por parte do usineiro, oferecendo-lhes cursos de capacitação. Porém, com o decorrer dos anos, era possível identificar que a ascensão profissional não era para todos e sim para alguns. Perceberam que a maioria iria continuar na posição de operários, que vendiam sua força de trabalho para uma função de serviços pesados, sem gratificação ou reconhecimento.

Outro aspecto abordado foi a questão habitacional. Foram construídas vilas operárias, e as casas eram distribuídas de acordo com as funções exercidas. Para os operários das funções administrativas e de chefia, eram destinadas casas maiores e centralizadas, mais próximas à Usina. Para os trabalhadores ligados diretamente à produção, embarque e desembarque da cana e corte da cana, e outras funções dentro do pátio industrial, eram destinadas casas menores e separadas umas das outras por uma única parede. As moradias refletiam fielmente a realidade do sistema capitalista, em outras palavras, a desigualdade social. As moradias concedidas eram mais uma forma de controle sobre o trabalhador, que não se restringia apenas ao interior da Usina, mas também ao espaço em que viviam e circulavam.

As inovações tecnológicas são entendidas pelos trabalhadores como melhorias na execução de suas funções, o que foi percebido ao longo dos relatos direcionados a diversas funções, como as da oficina mecânica, a do tratorista, a do almoxarifado, as do escritório de contabilidade, a do projeto de irrigação, a da plantação da cana, a da colheita;

enfim, destacaram a importância dos investimentos ocorridos na Usina no seu período de grande desenvolvimento. Afirmaram que a chegada das máquinas mais sofisticadas trouxe melhores condições de trabalho. O entrevistado/usineiro Dr. Fernando De La Riva (depoimento autorizado por ele) disse:

Foram muitos implementos à produção sucroalcooleira em um período da história brasileira, tivemos um governo preocupado em fazer aumentar nossa produção. Nesse período, recebemos muitos investimentos através de empréstimos para comprarmos máquinas e investir na assistência social e lazer para os trabalhadores. Era inegável o avanço e a qualidade da produção com máquinas ultramodernas. Foi fundamental para fortalecer nosso empreendimento.

No período de crise econômica e de atraso no pagamento dos salários (1994 a 1996), os entrevistados afirmaram terem ocorrido duas greves. Acrescentaram, ainda, que, mesmo com a pressão de alguns trabalhadores na frente dos portões da Usina, pedindo para que todos os operários não entrassem para mais um dia de trabalho, muitos operários, naquela época, entraram para trabalhar. Foram dias muito tensos, relataram. Contaram que eram muitas incertezas que pairavam no ar, como ficariam suas famílias sem a assistência social concedida? Poderiam continuar morando nas casas da Usina? E seria possível a aposentadoria daqueles dos quais faltava tão pouco para isso? Tinham receio do que estaria por vir. De grande relevância foi o depoimento do entrevistado 3. Disse, ter participado das greves e das reuniões realizadas pelo Sindicato dos Trabalhadores a favor dos operários. Ressaltou que:

Fiz parte de várias reuniões do sindicato, na época da crise da Usina. Fiz greves também, quando meus companheiros paravam, eu também parava. Queríamos o pagamento de nossos direitos. Não era contra a Usina, muito pelo contrário, nós lutamos para que ela continuasse trabalhando, dando emprego para todos nós. O sindicato nos instruiu na hora das demissões.



**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ JÁ CONHECE.**

**INSCREVA-SE  
AGORA!**

O entrevistado 4 declarou que o fechamento da Usina se deu também por questões políticas locais, por falta de apoio à produção sucroalcooleira em decorrência da ascensão da economia petrolífera e seus benefícios para a região, apontando que:

A política local só via com bons olhos a economia ligada ao petróleo, não mostrou interesse em implementar e apoiar a economia sucroalcooleira. E isso era generalizado, pois não foi só a Usina Santo Amaro que fechou, foram praticamente todas; apenas duas se mantiveram funcionando, apesar das dificuldades. [...] muitas usinas ficaram endividadas, sem apoio governamental, o País em grave crise econômica, [...] plano cruzado e plano real que afetaram a vida de todos trabalhadores e brasileiros de maneira geral, foi um momento muito tenso.

Um dado muito significativo durante as entrevistas foi a abordagem feita em relação às transformações ocorridas na vida dos entrevistados e na comunidade com o declínio da Usina. Foi relatada a questão da dificuldade que muitos tiveram de aceitar aquela situação de desemprego; também ressaltaram a questão do empobrecimento e das suas dívidas no comércio local; sentiram-se órfãos, não tiveram nenhum apoio dos políticos locais na solução imediata de seus problemas.

Percebe-se, no decorrer de todas as entrevistas, que a luta por salários ou por melhores condições de trabalho era substituída pela preocupação em manter-se empregado e ter condição de manter o sustento da família. Todos os entrevistados afirmaram ter “carteira assinada”, durante todo o tempo de trabalho executado na Cia Agrícola Baixa Grande – Usina Santo Amaro.

Cada entrevistado ressaltou suas dificuldades de inserção no mercado de trabalho; muitos foram para o mercado informal ou trabalho autônomo, outros praticaram êxodo rural, outros ainda foram para cerâmicas de tijolos ou comércio na cidade. Para a maioria, as ocupações informais foram alternativas encontradas frente à falta de emprego regular e com registro na carteira de trabalho. Em todos os depoimentos, o que se verificou foi a imagem de um antigo operário como um sujeito solitário, que enfrentou individualmente o fechamento da Usina e a perda de seu emprego; que saiu em defesa de seu sustento e se colocou disponível para qualquer tipo de ocupação como forma de luta de sobrevivência diante de um cenário de crise econômica. Na condição de empobrecimento, se reinventaram no mundo do trabalho. Os entrevistados revelaram ainda que o baixo nível de instrução e qualificação foi um grande problema para concorrerem às vagas oferecidas pelo mercado da Região Norte Fluminense no contexto da década de 1990. Esse declínio da atividade

sucroalcooleira teve como uma das consequências a perda de espaço da produção campista na produção nacional e, sem dúvida, a perda de postos de trabalho tanto no campo quanto nas atividades industriais.

O entrevistado 5, ressaltou com muita emoção que:

Fiquei em uma situação muito difícil, muita pobreza. Tive nesse período ajuda de meus familiares, que não dependiam da Usina para viver [...]. Eu lamentei muito o fechamento da Usina, perdia meu trabalho e a localidade perdia sua maior renda. E nessa época minha esposa teve que ir para a cidade trabalhar como doméstica, para ajudar no sustento da casa. Antes eu fazia isso sozinho.

Diante do cenário de crise, com os depoimentos obtidos, foi possível perceber que, mesmo tendo que contornar tantas insatisfações e conflitos, eles foram impulsionados pela própria realidade a traçar novos caminhos e possibilidades para serem inseridos novamente no mundo do trabalho; naquele momento, não mais nas atividades de produção do açúcar e álcool, já que a maioria das usinas sucroalcooleiras da região tinham encerrado suas atividades.

Para o entrevistado 1:

Seguir a vida foi difícil. Depois abri uma oficina mecânica própria, ensinei meus filhos meu ofício e até hoje trabalhamos juntos na oficina. Eles não puderam ter a legalização do trabalho como eu tive, infelizmente nenhum deles pagam FGTS, assim não vão se aposentar.

A entrevistada 6 destacou:

Tivemos que nos reinventar. Meu marido foi para o ramo das cerâmicas; com algumas economias que tínhamos, abriu a sua própria cerâmica, optando para ser autônomo. Eu esperei a situação se estabilizar na minha casa e resolvi voltar a estudar; fiz uma graduação em Letras e hoje sou professora da rede estadual de ensino.

Desse modo, cabe ressaltar que a pesquisa revelou posicionamentos bem semelhantes a respeito do significado do trabalho no setor sucroalcooleiro, considerando suas funções e rotinas de trabalho, direitos assistidos pela assistência social, relações sociais desenvolvidas e fortalecidas em um cenário que se apresentava muitas vezes precarizado, no que tange às melhorias salariais e de vida dos trabalhadores. Apesar de ter sido notória no decorrer das entrevistas e itinerários, a ausência de depoimentos que identificassem a percepção dos trabalhadores para a precarização do trabalho decorrente do modelo fordista de produção e do sistema capitalista vigente na sociedade.

O mundo do trabalho e a memória construída desde o auge até o declínio do setor sucroalcooleiro, na Região da Baixada Campista, muitas vezes impedem o trabalhador de ver com clareza a própria exploração, havendo uma perda de liberdade, consolidando sua alienação. Importante ressaltar que a realização dos itinerários e das entrevistas semiestruturadas foi mesclada de muitas revelações e memórias, carregadas de afeto, subjetividade, cultura, costumes, valores, significações, verdades, vulnerabilidade, impressões, emoções, superações, vivências, construções e reconstruções do lugar onde está e daquele que esteve, um dia, representando a fala de um tempo que se faz presente em um espaço de contradições, em um cenário que, em um passado recente, foi economicamente dinâmico, mas, atualmente, sinônimo de estagnação.

Neste contexto de declínio do setor sucroalcooleiro pesquisado, foi notável a grande quantidade de jovens inseridos no mundo do trabalho informal e do subemprego. Para ajudar na renda familiar, esses jovens começaram a integrar uma força de trabalho desqualificada e desprotegida de direitos trabalhistas, com a exploração lhe sendo imposta.

## Considerações Finais

Vivemos a era das incertezas, principalmente em relação ao mundo do trabalho, visto o aumento do desemprego, dos empregos mal pagos e sem qualificação, da terceirização e do emprego informal, cenários decorrentes da política neoliberal, da mudança do papel do Estado, das transformações nas relações de emprego, da diminuição da estabilidade no emprego e da flexibilização da organização do trabalho.

Desse modo, o artigo problematizou os efeitos das políticas econômicas do setor sucroalcooleiro na Região Norte Fluminense, a sua configuração em um contexto de estagnação, trazendo à tona questões que devem ser analisadas para a efetivação de uma nova reestruturação produtiva do capital diante de um mundo do trabalho que exige um profissional que exerça tarefas polivalentes e que seja qualificado para atender ao modo de produção flexível e mecanizado.

Nesse contexto, os métodos de pesquisa qualitativa empregados evidenciaram que, entre avanços e recuos, a realidade dos trabalhadores do espaço rural do município de Campos dos Goytacazes, desde o fechamento da Usina Santo Amaro, foi a de reinventar estratégias para a sua inserção no mundo do trabalho. A baixa qualificação da maioria dos antigos operários da Usina dificultou a reinserção no mercado. O debate sobre o mundo do trabalho e as suas novas ressignificações na Baixada Campista diante da precarização das condições sociais dos trabalhadores se faz necessário e requer políticas públicas.

Considerando o contexto apresentado na execução desta pesquisa, acredita-se que algumas realidades precisam ser repensadas e modificadas, entre elas, apontamos a diversificação de atividades econômicas e a qualificação da mão de obra local.

Por fim, acredita-se que a grande contribuição deste artigo foi a possibilidade de análise e discussão do trabalho na Baixada Campista a partir do olhar, da memória e da vivência dos antigos operários da Usina, que, aceitando participar das entrevistas e do método do itinerário, nos permitiram conhecer as suas percepções e as ressignificações do mundo do trabalho por meio das suas lembranças, da história que construíram no espaço da Cia. Agrícola Baixa Grande – Usina Santo Amaro.

Ainda é preciso salientar que o momento atual sugere uma profunda reflexão a respeito desse mundo, em face dos altos índices de desemprego, das condições de subempregos e da vulnerabilidade dos trabalhadores frente à desregulamentação dos direitos trabalhistas na Região Norte Fluminense. Essa realidade tem contribuído para acirrar, ainda mais, o cenário de desigualdades sociais e de pobreza na região.

**A QUALIDADE DE  
ENSINO QUE VOCÊ  
JÁ CONHECE.**



**INSCREVA-SE  
AGORA!**

- ▣ PRESENCIAL
- ▣ SEMIPRESENCIAL
- ▣ EAD

[www.ucam-campos.br](http://www.ucam-campos.br)  
**22 2726-2400**

## Referências

- CORIAT, Benjamin. Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização. Rio de Janeiro. REVAN/UFRJ, 1994. p. 29-39.
- CRUZ, José Luiz Vianna da. **Projetos Nacionais, elites locais e regionalismo**: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte fluminense entre 1970 e 2000. 2003. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. P.75-76, 78-79.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 160 p.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª edição. Campinas: Unicamp, 1992, P. 473.
- MARX, Karl. Trabalho Assalariado e Capital. In: **Textos**. São Paulo: Edições Sociais/ Alfa-Omega, 1977. P. 33.
- \_\_\_\_\_. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 31-82.
- PERITTEAU; PASQUIER. In: Grosjean, M.; Thibaud, J.-P.(dir) *L'espace urbain en méthodes*. Tradução de Priscila Giesbrech. Parenthèses. Marseille (Eupalinos), 2001. P. 1.
- REGINENSI, Caterine. Como praticar etnografia nas margens e fronteiras das cidades? **Ponto Urbe**, [São Paulo], n. 20, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3381>. Disponível: <http://pontourbe.revues.org/3381>. Acesso: 20 jun. 2018.
- SINGER, Paul. A Crise do "Milagre". *Interpretação crítica da economia brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. P. 57-58.

---

<sup>1</sup> Círculos de Controle de Qualidade (CQC) – busca dar maior autonomia aos trabalhadores no processo de trabalho, tornando a divisão do trabalho mais flexível. (CORIAT, 1994, p. 29-39)

<sup>2</sup> Just in Time – os recursos devem ser disponibilizados somente no tempo e na quantidade necessários para o trabalho, modelo de produção que rompe com a rigidez do Fordismo. É um dos pilares que o engenheiro Taiichi Ohno denomina de "espírito Toyota". (CORIAT, 1994, p. 29-39).

<sup>3</sup> Kan-Ban – a produção é controlada por cartões, e realiza-se em função dos setores que procuram componentes solicitados em função das vendas; técnica que se apresenta como uma inovação organizacional no setor do comércio, reorganizando o sindicalismo e as relações industriais. (CORIAT, 1994, p. 29-39).